

SELETA

SOLENIIDADES DOS SELVAGENS POR OCASIÃO DA MATANÇA DOS SEUS INIMIGOS

Hans STADEN

Quando trazem para casa um inimigo, batem-lhe as mulheres e as crianças primeiro. A seguir colam-lhe ao corpo penas cinzentas, raspam-lhe as sobrancelhas, dansam-lhe em torno e amarram-no bem, a fim de que não lhes possa escapar. Dão-lhe então uma mulher, que dele cuida, servindo-o também. Se tem dele um filho, criam-no até grande, matam-no e o comem quando lhes vem à cabeça.

Dão de comer bem ao prisioneiro. Conservam-no por algum tempo e então se preparam. Para tanto fabricam muitas vasilhas, nas quais põem sua bebidas e queimam também vasilhame especial para os ingredientes com que o pintam e enfeitam. Alem disso fazem borlas de penas que amarram ao tacape com que o matam. Fabricam também uma longa corda, chamada mussurana. Com esta o amarram, antes de executá-lo.

Assim que tudo está preparado, determinam o tempo em que deve morrer o prisioneiro e convidam os selvagens de outras aldeias para que venham assistir. Enchem então de bebidas todas as vasilhas. Um ou dois dias antes das mulheres fabricarem as bebidas, conduzem o prisioneiro um ou duas vezes ao pátio dentre as cabanas e dansam-lhe em volta.

Logo que estão reunidos todos os que vieram de fora, dá-lhes as boas vindas o principal da choça e diz: “Vinde agora e ajudai a comer o vosso inimigo”. Amarram a mussurana em torno do pescoço do prisioneiro e pintam o ibirapema com que o pretendem matar.

Estando o ibirapema como deve, ornado com borlas de penas e outros enfeites, será pendurado acima do chão, numa vara, numa choça vazia. Os selvagens catam então, através da noite toda, em volta desta choça. Do mesmo modo pintam o rosto do prisioneiro. Quando principiam a beber, levam consigo o prisioneiro, que bebe com eles, e com o qual se divertem. Acabada a bebida, descansam no outro no outro dia e constroem para o prisioneiro uma pequena cabana no local em que deve morrer. Aí passa ele a noite, sendo bem vigiado.

Pela manhã, bem antes do alvorecer, vêm ele, dansam e cantam em redor do tacape com que o querem executar, até que o dia rompa. Tiram, então, o prisioneiro da pequena choça e derrubam-na, fazendo um espaço limpo. Em seguida desatam-lhe a mussuruma do pescoço, passam-lh'a em volta do corpo retesando-a de ambos os lados. Fica, ele, então, no meio, bem amarrado. Muita gente segura a corda nas duas extremidades.

Entrementes, afasta-se aquele que o vai matar, com outros treze ou quatorze. quando retorna ao prisioneiro, entrega-lhe o tacape aquele que com ele se acha em pé, em frente ao capturado; vem então o principal da cabana, toma a arma e mete-lha entre as pernas. Consideram isto uma honra. A seguir retoma o tacape aquele que vai matar o prisioneiro e diz; “Sim , aqui estou eu, quero matar-te, pois tua gente também matou e comeu muitos dos meus amigos”. Responde-lhe o prisioneiro: “Quando estiver morto, terei ainda muitos amigos que saberão vingar-me”. Depois, golpeia o prisioneiro na nuca, de modo que lhe saltem os miolos, e imediatamente as mulheres levam o morto, arrastam-no para o fogo, raspam-lhe toda a pele, fazendo-o inteiramente branco, e tapando-lhe o anus com um pau, a-fim de que nada dele se escape.

Depois de esfolado, toma-o um homem e corta-lhe as pernas, acima dos joelhos, e os braços junto ao corpo. Vêm então as quatro mulheres, apanham os quatros pedaços, correm com eles em torno das cabanas, fazendo grande alarido, em sinal de alegria. Separam após as costas, com as nádegas, da parte dianteira. Repartem isto entre si. As vísceras são dadas ás mulheres. Fervem-nas e com o caldo fazem uma papa rala, que se chama mingau, que elas e as crianças sorvem. Comem essas vísceras, assim com a carne da cabeça. O miolo do crânio, a língua e tudo o que podem aproveitar, comem as

crianças. Quando o todo foi partilhado, voltam para casa, levando cada um seu quinhão.

Quem matou o prisioneiro recebe ainda uma alcunha, e o principal da choça arranha-lhe os braços com o dente de um animal selvagem. Quando esta arranhadura sara, vêm-se as cicatrizes, que valem por um ornato honroso. Durante esse dia, deve o carrasco permanecer numa rede, em repouso. Dão-lhe um pequeno arco, com uma flecha, com que deve passar o tempo, atirando um alvo de cera. Assim procedem para que seus braços não percam a pontaria, com a impressão da matança.

Tudo isso eu vi, e assisti.

